 Tempo de leitura: 8 min.

“Sejam bons, confiem em Deus e o paraíso será seu” (Beato Miguel RUA)

O *Beato Miguel Rua* (1837-1910), primeiro sucessor de Dom Bosco, como demonstraram os estudos, as pesquisas e as conferências realizadas por ocasião do centenário de sua morte, vai além do tradicional *clichê* de ser uma “cópia de Dom Bosco”, às vezes com traços menos atraentes ou até mesmo em oposição ao fundador, para liberar uma figura mais completa, harmoniosa e simpática.

O Padre Rua é a consagração e a exaltação das origens salesianas. Foi testemunhado nos processos: “O padre Rua não deve ser colocado nas fileiras dos seguidores comuns de Dom Bosco, mesmo os mais fervorosos, porque ele precede a todos eles como um exemplo perfeito, e por isso todos aqueles que querem conhecer bem Dom Bosco devem também estudá-lo, porque o servo de Deus fez um estudo sobre Dom Bosco que ninguém mais poderá fazer”. A vocação e o ideal do P. Rua foram a vida, as intenções, as obras, as virtudes, a santidade do pai e o guia de sua existência juvenil, sacerdotal e religiosa. O P. Rua permanece sempre de vital relevância para o mundo salesiano.

Quando se tratou de encontrar o diretor da primeira casa fora de Turim, em Mirabello Monferrato, em 1863, Dom Bosco escolheu o P. Rua “admirando nele, além da conduta exemplar, o trabalho incansável, a grande experiência e o espírito de sacrifício, que se diria indizível, e também as boas maneiras, tanto que era amado por todos”. Mais diretamente, o P. Cerruti, depois de afirmar que havia encontrado no jovem diretor o retrato e a imagem do Pai (Dom Bosco), testemunha: “Lembro-me sempre daquela sua incansável laboriosidade, daquela prudência tão fina e delicada de governo, daquele zelo pelo bem não só religioso e moral, mas intelectual e físico dos irmãos e jovens a ele confiados”. Esses aspectos resumem e encarnam o lema salesiano “trabalho e temperança”. Um verdadeiro discípulo de Dom Bosco *verbo et opere* [pela palavra e pelas obras] numa admirável síntese de oração e trabalho. Um discípulo que seguiu o seu mestre desde a mais tenra infância, fazendo tudo meio a meio, assimilando de forma vital o espírito de suas origens carismáticas; um filho que se sentiu gerado por um amor único, como tantos dos primeiros meninos do Oratório de Valdocco, que decidiram “ficar com Dom Bosco” e entre os quais se destacaram de forma paradigmática os três primeiros sucessores do pai e mestre dos jovens: P. Miguel Rua, P. Paulo Álbera, P. Filipe Rinaldi.

1. Alguns dos traços da vida virtuosa do padre Rua, expressão de continuidade e fidelidade

Trata-se da tradição de quem recebe um dom e, por sua vez, o transmite, procurando não dispersar o dinamismo e a vitalidade apostólica, espiritual e afetiva que deve permear as instituições e as obras. Dom Bosco já havia intuído isso: “Se Deus me dissesse: Prepare-se para morrer e escolha um sucessor, porque não quero que a Obra que você começou fracasse, e peça para esse sucessor todas as graças, virtudes, dons e carismas que julgar necessários, para que ele possa desempenhar bem o seu ofício, que eu lhe darei tudo, asseguro-lhe que não saberia o que pedir ao Senhor para esse fim, *porque vejo que o P. Rua já possui tudo*”. Esse foi o fruto de uma assídua frequência, de uma valorização de cada conselho, de um estudo contínuo, observando e anotando cada ato, cada palavra, cada ideal de Dom Bosco.

1.1. Conduta exemplar

O testemunho do salesiano coadjutor José Balestra, assistente pessoal do padre Rua, é significativo. Balestra era muito atento aos aspectos da vida cotidiana e neles pôde captar os traços de uma santidade plena que marcaria também o seu caminho religioso. Ainda hoje, nos aposentos de Dom Bosco, pode-se ver o sofá que foi a cama do Beato Miguel Rua durante 20 anos. Tendo sucedido a Dom Bosco e ocupado seu lugar nesse quarto, o P. Rua nunca quis ter sua própria cama. À noite, o Coadjutor Balestra estendia dois lençóis no sofá, no qual o Padre Rua costumava dormir. De manhã, os lençóis eram dobrados e o sofá retomava sua forma habitual. “Tenho a convicção de que o servo de Deus era um santo, porque nos 11 anos em que tive a sorte de viver bem perto dele e de observá-lo continuamente, encontrei sempre e em todas as coisas a maior perfeição; daí a minha convicção de que ele era fidelíssimo no cumprimento de todos os seus deveres e, portanto, na mais exata observância de todos os Mandamentos de Deus, da Igreja e das obrigações do seu próprio estado”.

1.2. Trabalho infatigável, operosidade incansável e atividade extraordinária

Parece incrível que um homem com um corpo tão frágil, com uma saúde bastante débil, pudesse ter sido capaz de empreender uma atividade tão intensa e incansável, tão vasta, interessando-se pelos mais diversos setores do apostolado salesiano, promovendo e realizando iniciativas que, se pareciam extraordinárias e ousadas na época, são também hoje uma indicação e um estímulo muito válidos. Essa incansável laboriosidade, traço típico da espiritualidade salesiana, foi

reconhecida no P. Rua por Dom Bosco desde a sua juventude, como atesta o P. Lemoyne: “É verdade que no oratório se trabalha muito, mas não é o trabalho a causa da morte. Só há um aqui no Oratório que, sem a ajuda de Deus, deveria morrer de cansaço, e esse é o padre Rua, que sempre continua a trabalhar mais do que os outros”.

Essa dedicação ao trabalho era uma expressão do espírito e da prática da pobreza que distinguia singularmente a vida e as ações do Padre Rua: “Ele amava imensamente a pobreza, que era uma companheira muito bem-vinda para ele desde a infância e ele possuía o espírito dela perfeitamente... Ele a praticava com alegria”. A prática da pobreza, expressa de várias formas, enfatizava o valor do exemplo de vida e de levar em conta a Providência divina. Ele admoestava: “Persuadam-se de que minhas exortações tendem a um fim muito mais elevado: trata-se de assegurar que o verdadeiro espírito de pobreza, ao qual somos obrigados por voto, reine entre nós. Se não cuidarmos da economia e dermos muito ao nosso corpo no tratamento, no vestuário, nas viagens, no conforto, como poderemos ter fervor nas práticas de piedade? Como podemos nos dispor aos sacrifícios inerentes à vida salesiana? Seria impossível fazer qualquer progresso real na perfeição, impossível ser verdadeiros filhos de Dom Bosco”.

1.3. Grande experiência e prudência de governo

A prudência define melhor do que qualquer outra qualidade o perfil virtuoso do Bem-aventurado Miguel Rua: desde a mais tenra infância, ele se propôs a seguir São João Bosco, apressando-se, sob a sua orientação, a abraçar o estado religioso; formou-se por meio de uma meditação assídua e de um diligente exame de consciência; evitou a ociosidade, trabalhou incansavelmente pelo bem e levou uma vida irrepreensível. E, desde adolescente, assim permaneceu como sacerdote, educador, superior vigário e sucessor de Dom Bosco.

No âmbito de uma Congregação dedicada à educação dos jovens, ele introduziu no processo de formação a prática do aprendizado, um período de três anos durante o qual os jovens salesianos eram enviados às casas para realizar diferentes tarefas, mas principalmente como assistentes ou professores, com o objetivo principal de conviver com os jovens, estudar sua mentalidade, crescer com eles, e isso sob a orientação e a supervisão do catequista e do diretor. Ofereceu também indicações precisas e diretrizes claras nos mais variados campos da missão salesiana, com espírito de vigilância evangélica.

Esse exercício de prudência foi caracterizado por uma docilidade ao Espírito e por uma acentuada capacidade de discernimento em relação às pessoas chamadas a ocupar cargos de responsabilidade, especialmente no campo da

formação e do governo das casas e das inspetorias, em relação às obras e às diversas situações; como quando, por exemplo, escolheu o P. Paulo Álbera como Visitador das casas da América ou o P. Filipe Rinaldi como Prefeito Geral. “Ele inculcou em todos os irmãos, especialmente nos diretores e inspetores, a exata observância das Regras, o cumprimento exemplar das práticas piedosas e sempre o exercício da caridade; e ele mesmo precedeu a todos com o exemplo, dizendo: «Um meio de ganhar a confiança dos funcionários é nunca negligenciar os próprios deveres»”.

A prática da prudência, especialmente no exercício do governo, produziu como fruto a confiança filial dos irmãos nele, que o consideravam um exímio conselheiro e diretor do espírito, não apenas para as coisas da alma, mas também para as coisas materiais: “A prudência do servo de Deus brilhou de maneira extraordinária ao preservar zelosamente o segredo confidencial, que ele sepultava em sua alma. Ele observava com a maior cautela o sigilo da correspondência pessoal: essa era uma confissão geral, e por isso os irmãos se aproximavam dele com grande confiança, porque ele respondia a todos da maneira mais delicada”.

1.4. “Sacerdote do Papa”

Essa expressão do Papa João XXIII diante da urna de Dom Bosco, em 1959, exprime muito bem como o P. Rua, no rastro de Dom Bosco, em sua caminhada cotidiana, via e encontrava no papa a luz e o guia para a sua ação. “A Providência reservou ao P. Rua provas ainda mais duras e, eu diria, heroicas dessa fidelidade e docilidade do que a Dom Bosco. Durante o seu reitorado, chegaram vários decretos da Santa Sé que pareciam romper tradições consideradas importantes e características do nosso espírito na Congregação. O P. Rua, embora sentindo profundamente o golpe das medidas repentinas e afligido por elas, imediatamente se fez paladino da obediência às disposições da Santa Sé, convidando os salesianos, como verdadeiros filhos da Igreja e de Dom Bosco, a aceitá-las com serenidade e confiança”.

Esse é um dos elementos de amadurecimento do carisma salesiano na obediência à Igreja e na fidelidade ao fundador. Certamente foi uma prova muito exigente, mas que forjou tanto a santidade do Padre Rua quanto o *sentire cum ecclesia* e aquela fidelidade ao Papa de toda a Congregação e da Família Salesiana, que em Dom Bosco eram notas características e indispensáveis. Obediência feita de fé, de amor, traduzida em um serviço humilde, mas cordial, em um espírito de docilidade filial e de fidelidade aos ensinamentos e às diretrizes do Santo Padre.

É interessante notar como, também no processo de beatificação, o P. Rua foi ao encontro de Dom Bosco, mas não de acordo com um estereótipo repetitivo, e

sim com originalidade, destacando precisamente aqueles aspectos que, no processo de Dom Bosco, suscitaram as mais controversas *animadversiones* [advertências]: “Alguma surpresa e perplexidade podem surgir da conclusão mais óbvia a que se chega comparando as duas *Positiones*, ou seja, o fato de que as mesmas virtudes mais frequentemente invocadas para delinear a santidade do P. Rua são aquelas constantemente desafiadas para contestar a santidade de Dom Bosco. É verdade, de fato, que são precisamente a prudência, a temperança e a pobreza os “cavalos de batalha” das *animadversiones* reunidas na *Positio* do Fundador”.

(continua)